

Resenha

CROWLEY, Aleister. *Diary of a drug fiend*. York Beach, Boston: Samuel Weiser Books, 2002, 368 p.

Ivan Alexander Mizanzuk*

Aleister Crowley (1875-1947) foi, sem dúvida, uma das figuras mais polêmicas do cenário esotérico ocidental no século XX. Muitos podem não o conhecer, mas com certeza já ouviram alguma menção – seja pela sua presença na capa do *Sgt. Pepper's* dos Beatles, pela música *Mr. Crowley* de Ozzy Osbourne, pelo livro *The Magician* de William Somerset Maugham, pelo fato do guitarrista do Led Zeppelin, Jimmy Page, ser grande fã declarado do mago (a ponto de ter sido dono da antiga mansão de Crowley, ao lado do Lago Ness), ou, especialmente no Brasil, pelos ataques que o escritor Paulo Coelho fez em diversos de seus livros e pelas menções que o músico Raul Seixas fazia de sua doutrina mágica, a *Thelema*,¹ em diversas canções, sendo a mais famosa dessas na música *Sociedade Alternativa*.

Apesar de ser colocado ao lado figuras como Helena Blavatsky e MacGregor Mathers, entre outros membros da *Ordem Teosófica* e da extinta *Golden Dawn*, sendo todas consideradas fundamentais para o desenvolvimento de uma chamada tradição esotérica no ocidente fora de círculos mais discretos (como a Maçonaria, por exemplo), Crowley diferencia-se desses por um ponto fundamental: pregava o fim de valores morais cristãos que, segundo ele, haviam se tornado vazios e sem sentido. Em seu livro *Diary of a Drug Fiend*, “Diário de um Demônio de Drogas” em Português, escrito em 1922, demonstra de maneira clara como sua *Thelema* deve atuar no campo moral em um assunto que nos é de difícil julgamento até hoje: a questão das drogas.

Crowley acreditava que as drogas eram um caminho para a obtenção de sabedoria espiritual. Acreditava ser um pioneiro no campo, um cientista com um objetivo religioso,² e por isso passou sua vida abusando delas e escrevendo diversos métodos de como elas podem agir. Em seus diários, há diversas menções e minuciosas descrições sobre o uso e efeito de substâncias como a cocaína, a

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP. Correspondência para/Correspondence to: Ivan Alexander Mizanzuk, Al. Princesa Isabel, 43/101, São Francisco, CEP 80410-110, Curitiba, PR, Brasil. E-mail: <ivancoxa@gmail.com>.

heroína, o haxixe, além de drogas lícitas, como o tabaco e o álcool. *Diary of a Drug Fiend* é em grande parte autobiográfico, pois visa realizar uma psicologia do usuário de drogas, especialmente focando o uso da cocaína e heroína e a relação de tais drogas em um contexto espiritual. Para isso, Crowley focou-se sobretudo em suas próprias experiências e diários. Contudo, é também um projeto falido, pois Crowley jamais conseguiu livrar-se de seu vício pelas drogas³. Ainda assim, não deixa de ter mérito a obra por realmente levantar questões da relação espiritual do homem com o mundo moderno – sendo as drogas ilícitas e as questões morais levantadas acerca delas, querendo ou não, parte dele.

Contextualização

Seu pai era líder espiritual de uma comunidade cristã *Plymouth*, caracterizada especialmente pela interpretação literal da Bíblia. Seu pai morrera quando ele ainda era criança, deixando-o a ser criado pela mãe sozinha. Sempre que mencionava sua mãe em textos, Crowley deixava claro seu desprezo por ela e seu “cristianismo ignorante”. A partir daí, já podemos ter uma ideia dos motivos que levaram Crowley a mais tarde fundar sua Thelema.

Em 1898, Crowley conhecera a *Hermetic Order of Golden Dawn*, “Ordem Hermética da Aurora Dourada”, conhecida hoje nos círculos esotéricos por ter sido uma das principais responsáveis pela renascença de tradições esotéricas ocidentais importantes, tais como o estudo do Tarô, da Magia Enoquiana, das correspondências alquímicas, entre outras tradições. Ao mesmo tempo, passara seus anos na Universidade de Cambridge estudando profundamente os grandes mestres da literatura e da filosofia. Passou a escrever poemas, principalmente de cunho erótico, e avançou rapidamente pelos diversos graus da *Golden Dawn*, fato esse que resultou diretamente em brigas internas na ordem e sua posterior dissolução poucos anos depois.

Relata Crowley (1976) que, em 1904, em uma viagem ao Egito com sua esposa, na época Rose Kelly, ele recebera um aviso, através de uma atividade mediúnica da própria mulher, de que o deus egípcio Hórus precisava lhe ditar um livro. Assim, durante três dias, do meio-dia a uma da tarde, em um local que também lhe fora estabelecido, Crowley diz ter entrado em contato com uma inteligência mais evoluída do que o homem chamada *Aiwass*, que se dizia “ministro

de Hórus”. Durante esses três dias, Aiwass teria ditado a Crowley os três capítulos que compõe o livro-base para a fundação da Thelema, que é o *Livro da Lei*.

Neste livro, é dito à humanidade que estamos entrando em uma nova era, a Era de Hórus, o deus da guerra e da vingança, e que se o homem deseja evoluir, ele deverá compreender sua própria Thelema, sua própria *Vontade*.

Partindo então de um pressuposto neoplatônico, Crowley desenvolveu em sua doutrina thelêmica que o centro do sistema do homem gira em torno de sua própria Vontade, que em muito se diferencia do simples “querer”. A Vontade pode ser considerada, em termos leigos, como “a missão de cada um”. Segundo o Livro da Lei, “tu não tens direito de fazer a tua vontade” (Crowley, 1997, p. 42). Crowley considera o descobrimento da Vontade como a maior das libertações, ao mesmo tempo em que a maior das prisões. Afinal, após ter descoberto sua própria Vontade, fato que colocaria o homem em seu curso natural, toda a existência deve ser dedicada ao cumprimento dela. E daí vem o seu lema mais famoso, retirado do Livro da Lei: “Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei” (Crowley, 1997, p. 97).⁴

Colocando a Vontade como centro de todo seu sistema espiritual, Crowley conclui que “não há deus senão o homem” (Crowley, 1997, p. 200). Dessa maneira, a forma de atuação de um cristianismo “senso comum”, e a moral por ele empregada, não respeitaria à condição natural do homem, que é justamente *tornar-se* um deus ao invés de simplesmente adorar cegamente a um. Há muito de um anti-cristo nietzscheano aqui, e não é por acaso que Crowley, grande fã de Nietzsche,⁵ adotava como *motto*⁶ “A Grande Besta do Apocalipse”, inspirado no Apocalipse de João, livro bíblico predileto de Crowley, que se identificava com a figura da Besta como símbolo de questionamento e iluminação.

A partir dessa breve contextualização, podemos entender melhor a obra que esta resenha pretende descrever.

O Diário

O livro começa com um aviso:

Esta é uma história real...

Ela revela com surpreendente lucidez o abismo no qual a civilização treme...

Essa história é também verdadeira não apenas para um tipo de fraqueza humana, mas (por analogia) para todos os tipos; e para

todos os parecidos há pelo menos um caminho para a salvação. (p. xvii)

Em seguida, percebe-se que o livro é dividido em três seções, claramente inspiradas na Divina Comédia de Dante. A primeira parte é PARADISO, seguido de INFERNO e fechando com PURGATORIO.

Diary of a Drug Fiend conta-nos a história de Sir Peter Pendragon, um milionário inglês que obteve sua fortuna por herança, logo após ter lutado como piloto na primeira guerra mundial. Na primeira parte, PARADISO, sendo o narrador o próprio Pendragon, nos é contada a história de como ele conheceu, na mesma noite, a Srta. Lou, que tornar-se-á sua esposa apenas algumas horas depois, e a cocaína. Também nessa noite, Pendragon conhece o infame King Lamus, um homem que é ao mesmo tempo temido, admirado e odiado por muitos. No caso, Lamus é Crowley.

Com muito dinheiro, saúde e disposição, Pendragon casa-se com Lou logo após se conhecerem, e passam a viajar a Europa em lua de mel. Vão para Paris, e durante os dias inteiros usam indiscriminadamente da droga. Certo dia, recebem um pacote de uma amiga de Londres, a Sra. Webster, a mesma que lhes apresentou a cocaína, e descobrem que nele há uma nova droga – heroína. Aprendem então, por um tal de Sr. Webster, conhecido de infância de Pendragon, como usar melhor as duas drogas, de forma que o efeito de uma potencialize o efeito da outra.

Em diversas passagens, Peter fala sobre como o uso das substâncias o fazia se sentir um deus. No caso, esse uso funcionaria como formas de acabar-se com a ilusão da própria existência, o retirar dos véus de Ísis, e sentir-se verdadeiramente vivo, experimentando toda a vida em sua total intensidade. Em uma das passagens mais fortes sobre o assunto, Haidée, uma das personagens menores, fala sobre sua escolha em dependência total das drogas, a abstinência de comida (pois, sentindo-se deusa, não via necessidade em comer) e a diminuição do tempo de vida que isso implicava:

Claro, se você conta o tempo por anos, você está provavelmente certo. Mas o que os cálculos de astrônomos têm a ver com a vida da alma? Antes de eu começar a tomar heroína, ano seguia ano, e nada prestável acontecia. Era como uma criança rabiscando uma sepultura. Agora que eu tenho a vida-heroína, um minuto ou uma hora – não sei qual e não me importo – contém muito mais vida real do que um período de cinco anos de meus dias errôneos. Você fala de morte. Por que não deveria? É perfeitamente certo para você. Vocês animais têm que morrer, e vocês sabem disso. Mas eu estou muito

longe de ter certeza que vou morrer; e sou tão indiferente para a idéia quanto sou indiferente para qualquer outra de suas idéias de macaco (p. 71).

Essa questão da vida ser mensurada em momentos de intensidade, ao invés de anos de vida, é constantemente colocada durante todo o livro.

No final do PARADISO, Peter e Lou são roubados na Itália, tendo todo seu dinheiro, documentos, joias e drogas levadas pelo mesmo Sr. Webster, que até então era um homem de aparente confiança. É a partir daqui que os problemas começam.

A segunda parte, INFERNO, é narrada por partes do diário de Lou. Lá, ficamos sabendo da dificuldade que passaram a enfrentar para conseguirem drogas, pois muitos dos seus fornecedores ou morreram ou não são confiáveis pela má qualidade das substâncias. Para piorar, o governo inglês passou a adotar medidas mais severas sobre o assunto, dificultando ainda mais a obtenção das substâncias com boa qualidade. Mais adiante, Pendragon e Lou quase enlouquecem na antiga casa da família, chegando inclusive a tentar rituais de invocação de demônios, e Lou demonstrando ter claramente ataques de esquizofrenia e paranoia. Em uma das passagens, Lou chega a identificar-se com a “mulher que dará a luz ao novo salvador do livro do Apocalipse” (Crowley, 2002, p. 223, 226, 234).

Mais adiante, Peter dá um tiro em seu próprio peito. Lou corre para socorrê-lo e todo o processo de cura acaba livrando-os da dependência das drogas – que estavam cada vez mais difíceis de obter. Contudo, voltando para Londres, eles têm novo contato com as drogas e voltam ao vício. Mais adiante, o diário encerra abruptamente, deixando a entender que eles irão se suicidar com veneno.

É então que entramos no PURGATORIO, e King Lamus, a personificação literária de Crowley, entra em cena como salvador. Lamus leva Peter e Lou para sua Abadia de Thelema, um lugar fantástico, em que a beleza natural compõe grande parte do cenário. Lamus promete que pode curá-los ao fazê-los conhecer suas próprias Vontades, e tudo isso se dará dentro de determinados métodos de registro.

E aqui vem a questão essencial da filosofia espiritual de Crowley: ao contrário do que o leitor desavisado poderia pensar, Lamus não corta o uso imediato da droga, e muito menos o restringe a doses menores. Pelo contrário, ele diz que devem continuar usando da mesma forma, mas que devem anotar em seus diários e tabelas os horários que usaram, o quanto usaram e o motivo de terem

usado. O objetivo de Lamus é que os usuários passem por um processo de autoconhecimento que os levem ao encontro de suas verdadeiras Vontades. A partir do momento que elas forem descobertas, o desejo pelas drogas será diminuído, pois o homem estará novamente em seu curso natural. E assim se inicia o processo de cura dos personagens e sua narração detalhada, novamente agora na “voz” de Peter Pendragon.

Em momento algum Crowley denuncia as drogas como algo ruim em si. O que ele deixa claro em vários momentos é o mau uso que fazem delas, inclusive reclamando à Peter em certa passagem que “você está tomando a coisa da mesma forma que a maioria das pessoas vai à Igreja. É um hábito sem sentido” (p. 338).

Crowley sempre deixou clara sua crença de que “cada homem deveria ser respeitado pelo o que ele realmente é” (Crowley, 1996, p. 36-37). As drogas, como parte da natureza, não deveriam ser vistas como algo ruim. Também não deveriam ser vistas como um *fim*, mas sim como *meios* para o melhor desenvolvimento da própria Vontade. Dentro do sistema filosófico de Crowley, tudo gira em torno dela. Se por algum infortúnio ela encontrar-se à margem do objetivo de algum ato, então o ato não é natural, e conseqüentemente trará malefícios ao praticante. Contudo, deve-se entender que, da perspectiva thelêmica, *todo* ato deve estar em conformidade com a Vontade, desde tomar um café, realizar uma viagem, ou usar alguma droga ilícita.

Diary of a Drug Fiend é uma boa introdução ao leigo nos assuntos crowleyanos, especialmente no campo moral, e uma boa explanação no sentido prático do conceito de Vontade para quem já conhece algo de sua obra (que é caracterizada justamente por ser demasiadamente complexa e enigmática). É especialmente interessante se pensarmos em Crowley como uma figura que já no início do século passado levantou questões tão pertinentes em nossa sociedade atual. Longe de ser um usuário de drogas insequente, ou mago negro, ou satanista, ou qualquer dos adjetivos pejorativos que Crowley recebe até hoje, é interessante avaliarmos Crowley e seu *Diary* como uma tentativa de demonstrar que, apesar das limitações físicas, o homem possui força espiritual dentro de si para superar qualquer dificuldade de sua própria existência.

Referências bibliográficas

CROWLEY, Aleister. *Magick without tears*. Phoenix, AZ: New Falcon, 1991.

_____. *O equinócio dos deuses*. Tradução de Marcelo Motta. Rio de Janeiro: edição independente, 1976.

_____. *Os livros de Thelema*. São Paulo: Ed. Madras, 1997.

_____. *The law is for all*. Phoenix, AZ: New Falcon, 1996.

_____. *The confessions of Aleister Crowley: an autohagiography*. NY: Ed. Penguin, 1989.

SYMONDS, John. *The great beast, the life and magick of Aleister Crowley*. St. Albans: Ed. Mayflower, 1973.

¹ *Thelema* é a palavra grega para “Vontade”. Falaremos sobre esse conceito mais adiante.

² Sua revista esotérica, *The Equinox*, trazia na capa os dizeres: *The method of science, the aim of religion* (O método da ciência, o objetivo da religião).

³ Para maiores detalhes, conferir Symonds (1973), Capítulo 31, *Magical Retirement*.

⁴ No original, “Do what thou wilt shall be the whole of the Law”. Nessa tradução apresentada, a palavra “Vontade” foi suprimida pelo tradutor Marcelo Motta, considerado historicamente o primeiro thelemita brasileiro, por questões que concernem à relação do esoterismo com a língua Portuguesa. Apesar disso, a tradução de Motta, que se tornou famosa pelas letras de Raul Seixas, acaba dando a entender um senso de total irresponsabilidade e hedonismo sem qualquer preocupação espiritual implícita no conceito de Vontade. Talvez, uma tradução mais satisfatória seria “Faça a tua Vontade há de ser o todo da Lei”, deixando ao menos mais claro que Vontade é um conceito que foge do senso comum do “mundano querer”.

⁵ Crowley chega inclusive a dizer que considerava Nietzsche um profeta de sua Thelema (Crowley, 1991, p. 303).

⁶ Nome mágico.

Recebido em 04/05/2009, aceito para publicação em 13/09/2010.